

FALTA DE LAZER

Cidades com maiores índices de criminalidade estão também entre as que mais carecem de espaços de diversão

Diversão e luxo em Ceilândia

Marcelo Abreu

Da equipe do **Correio**

Quinta-feira, 30 de novembro, feriado Dia do Evangélico. São 10h45. O sol insiste em sair, mas o tempo está nublado. A qualquer hora pode desabar um dilúvio. Ceilândia está menos agitada. O comércio, parcialmente fechado. Nem o carro de som, gritando a tradicional liquidação na casa de perfumes, deu as caras. Nem mesmo a frenética axé-music, que explode em gigantescas caixas de som pen- duradas em caminhões, apareceu.

Numa pracinha da QNM 18, um garoto vê o tempo passar sentado no coreto. Ao lado dele, dois bêbados dormem. Garrafas de cachaça se amontoam em volta de cobertores velhos e malcheirosos. O garoto vê o tempo passar sem pressa.

É feriado. Não há nada para fazer. Elisandro Souza Machado, de 16 anos, mora em Ceilândia desde que nasceu. “Cresci aqui”, diz.

Na manhã nublada de quinta-feira, Elisandro procura o que fazer. Quer fazer alguma coisa. Precisava fazer alguma coisa. “Não tem nada. Se não for jogar futebol no campo ao lado da Administração, a gente não faz mais nada.” Naquela manhã, não houve pelada. O garoto, que faz a 6ª série, lamenta: “Tem moleque

Nehil Hamilton



FERRO-VELHO VIRA LOCAL DE BRINCADEIRA EM SAMAMBAIA. EM CEILÂNDIA, O BATE-PAPO, ÀS VEZES, É A ÚNICA OPÇÃO

com muito potencial, mas não tem incentivo. Pra passar o tempo, a gente joga fliperama na Ceilândia centro”.

Nem as casas de fliperama — que cobram R\$ 0,30 por ficha (e muitos não podem pagar) — abriram naquele feriado. A Elisandro restou mesmo o coreto da Praça do Cidadão, ao lado de sua casa, na QNM 18. No muro da pracinha, há mensagens que falam de Jesus. Mensagens que pedem um mundo melhor, sem violência. Um dos artistas que pintaram o muro está hoje na Papuda. Motivo? Assalto a mão armada.

“Os moleques entram no crime porque não têm o que fazer. Tenho amigos meus que estão no Caje. Outras morreram. Cabeça desocupada...”, reflete Elisandro, em tom reticente. Depois, no mesmo banco da pracinha, o me-

nino resume, com exatidão e sem metáforas, o que é Ceilândia: “- Aqui falta tanta coisa, tanta coisa que a pessoa — até pra fazer alguma coisa — vende drogas. Ela se sente importante assim”.

Nesse instante, aparecem vários amigos dele. Meninos de bermuda, boné e camiseta. Alguns de bicicletas. Juntam-se todos na Praça do Cidadão. Num feriado, o melhor mesmo em Ceilândia é conversar...

Leandro Júnior, 12, o mirradinho da turma, lembra que o cinema mais perto fica em Taguatinga. “Mas é caro. Nem sempre dá pra ir.” Francisco Barbosa, 15, reclama que até o clube que havia ali — e cobrava R\$ 1 para tomar banho de piscina — foi fechado para os moradores. “Agora, eles só deixam entrar quem é associado. O jeito é ir para o Parque da

Barragem ou Água Mineral.” E nem sempre podem. Às vezes, não têm o dinheiro do ônibus.

Até os bailes de rap, organizados aos domingos no Quadrado, estão com os dias contados. “Só dá briga e já acabou em tiro-teio. Minha mãe não me deixa ir”, conta Diego Souza, 15. Sem quadra de basquete, sem piscina, sem cinema, sem rap...

Jean Silva, de 16 anos, é o único do grupo que tem emprego. “Os caras ficam sem fazer nada e acabam se matando.” Mesmo com todos os problemas que Ceilândia apresenta, Jean confessa seu amor à cidade onde nasceu: “Mesmo que me dessem uma casa no Lago Sul, eu não ia embora. Sinto orgulho de viver aqui”.

O administrador de Ceilândia, Antônio Santa Rosa, não foi localizado.